

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal da Tarde Class.: 95

Data: 29.02.84 Pg.: _____

A única pesquisa sobre música xavante, mofando em Paulínia.

190A pesquisa consumiu 17 anos de trabalho do antropólogo Desidério Aytai e está encaixotada em Paulínia, esperando a volta para a Pucamp.

Com música intuitiva, tonal, densa e emotiva, embora muitas vezes monótona, construída a partir do estudo livre da ressonância das madeiras e fibras, inspirada na própria natureza: a única pesquisa sobre a criação musical dos índios brasileiros Xavantes revelou mais que um simples conjunto de sons primitivos, segundo seu autor, o antropólogo Desidério Aytai, que acredita ter registrado um "aspecto único da cultura nativa". Os índios dizem que sonham as suas peças musicais, e com essa visão onírica acabam criando os cânticos que fazem parte de todos os rituais das tribos.

Para tentar entender a importância da música na cultura indígena, o professor Aytai trabalhou 17 anos, até 1976, quando concluiu sua tese — a primeira do gênero a ser totalmente analisada por computador. Consegiu 60 horas de gravação de cantos e a partir daí transcreveu 132 peças em pausas musicais incluídas na volumosa publicação final de 454 folhas datilografadas. Um trabalho que contou quase que exclusivamente com a boa vontade de Desidério Aytai, que afirma ter "ganho dinheiro na vida" como engenheiro para gastar como antropólogo.

Diferenças

Aytai utilizou o seu trabalho para estabelecer algumas comparações com outras tribos. Existem diferenças entre elas, mas há o aspecto confluyente de que "nas sociedades primitivas a música tem funções bem diferentes da nossa". Nas comunidades in-

dígenas, a música quase nunca é separada da dança e seu uso é relativamente mais frequente do que na civilização.

A maioria dos rituais religiosos — segundo constatou o antropólogo — é acompanhada por cânticos e peças instrumentais. Quase todas as manifestações sociais são baseadas em canções, como a organização de expedições de caça comunal. "Durante vários dias, os índios cantam convidando os participantes a tomarem parte da caçada", relatou Aytai. A população da aldeia sabe qual o resultado da caçada pelo tipo de música que os índios caçadores entoam no retorno e preparam a homenagem adequada ao momento. O mesmo ocorre em expedições guerreiras com a diferença de que após uma batalha perdida os índios não voltam cantando".

Acostumado com o sossego da tranqüila cidade de Monte Mor onde vive, na região de Campinas, Desidério Aytai lembra que sofreu insônia em uma tribo de índios Nambiquara, na aldeia de Serra Azul no Mato Grosso, onde presenciou um ritual de cura de doentes. "Os índios cantam desde o pôr-do-sol até o amanhecer, não deixando ninguém dormir. As vezes, esse processo dura várias noites consecutivas", disse.

Os cantos também têm papel importante na magia para conseguir, por exemplo, tempo favorável às caçadas e para chamar ou eliminar a chuva. Algumas tribos usam uma espécie de "choro musical" nos casos de falecimento de alguém. Os Xavantes jamais choram no enterro, enquanto é comum



A tese de Aytai é a primeira no gênero analisada por computador

entre os Karajás, por exemplo, cantar a história na forma de saga, da vida do morto durante vários dias depois do falecimento. Há peças musicais para marcar acontecimentos esportivos, como as corridas de torras buriti e as violentas lutas corporais.

Qualidade musical

As variações tonais em algumas canções contrastam com o forte monocordismo de outras. Não há preocupação com ritmos ou com a coerência das letras, que às vezes contam uma história ou não passam da repetição desconexa da mesa sílaba fonética. A análise da qualidade das melodias revelou um total despojamento de precisão musical. Mas, ao mesmo tempo, foi constatados, o surgimento de escalas.

De um modo geral, escalas bastantes rígida como o caso da diatônica (composta

por 12 semitons), surgem paralelamente a uma técnica mais apurada de fabricação de instrumentos musicais que garantem volumes sonoros permanentes. Mas a tendência de certas tribos, de acordo ainda com a tese de Aytai, é a de possuírem escalas preferidas. Assim, por exemplo, na música karajás, a série pentatônica (com cinco tons musicais centro da oitava) aparece em 26% dos cantos, enquanto na música xavante ela é utilizada em menos de 2% dos cantos.

Uma das características musicais dos índios que pode chocar os não-iniciados no assunto — afirma Aytai — é a extrema monotonia rítmica e melódica. Este fenômeno varia muito conforme as tribos. No caso dos já extintos Ketas a monotonia é tão extrema que um único canto pode ter trechos repetidos de 15 a 20 vezes e baseados em não mais que dois ou três sons.

Os índios utilizam recursos de acompanhamento como as palmas das mãos, gritos em falsetes, e a *bocca chiusa* (o som extraído com a boca fechada). "Em algumas aldeias de Xingus e Karajás, há cantos de imitação de vozes de animais, quase sempre realistas, mas também estilizados com a finalidade cômica. Um exemplo típico é o canto do camaleão, embora esse animal não emita som algum", destacou o antropólogo.

Os instrumentos mais utilizados pelos índios são os de percussão, como os chocailhos e tambores, e os de sopro, como as flautas. Os instrumentos de corda são representados por um arco pequeno de bambu, com corda de embira, que encostada no

dente fornece um som ampliado pela ressonância da boca aberta do músico.

A tese sobre a música xavante e outras publicações de Aytai como "O Sistema Tonal da Música Karajás", editado em libretto pela USP, são parte de acervo do Museu Municipal de Paulínia, precariamente alojado em um prédio que divide com uma escola de ensino supletivo. Como a maioria das peças do Museu, o trabalho principal está encaixotado em um pequeno depósito, por falta de espaço que não permite melhor conservação do material. Desidério Aytai dirige o museu desde 77, quando a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, alegando dificuldades econômicas, transferiu a responsabilidade da manutenção do acervo à prefeitura de Paulínia. Agora, a Universidade quer reaver o conjunto histórico e transferi-lo para Campinas.

Aposentado desde 70, o antropólogo somente se desligou da Pucamp quando o museu foi para Paulínia. Para ele, a transferência para Campinas seria benéfica para o museu, tanto no aspecto de estrutura física quanto em termos de público.

No pequeno edifício do Museu Municipal de Paulínia, existe atualmente um dos maiores acervos históricos da cultura indígena brasileira, com mais de 15 mil peças catalogadas. Algumas são raríssimas, como o esqueleto de uma índia mongolóide de 16 anos, que possivelmente viveu há seis mil anos e que foi encontrado em uma escavação de sambaquis em Jaraçatiá, no litoral sul paulista.